

Cocaine e Whisky*

João

Taylor seria um homem comum da classe média norte-americana não fosse o acontecido dia 14 de abril de 1953. Trabalhou normalmente na fábrica da Ford instalada na cidade sul-americana de Springfield. Após o serviço, cansado, sujo, não foi para o bar costumeiro tomar suas doses de whisky. Pensou em encontrar na esposa a energia necessária para agüentar a vida sacrificante que levava.

A expectativa do operário foi transformada em ódio. Sua honra fora mutilada. Abriu a porta e sons obscenos lhe invadiram os tímpanos. Em sua cama não o esperava a doce mulher pela qual se apaixonara, mas a visão enlouquecedora do adultério. Nem se lembra como, irado pela traição, retirou o revólver 38 mm do armário e disparou seis tiros, 4 na mulher (peito, nariz, coxa e braço esquerdos) e 2 no homem (peito e estômago).

Na madrugada, já tonto pelo cheiro dos defuntos, havia tomado a decisão. Hesitou por alguns instantes, com medo por nunca ter se arriscado antes, mas não podia entregar-se e viver a crueldade dos presídios. Antes mesmo que o sol o banhasse com o primeiro raio de luz, pegou o pouco dinheiro que tinha, a pouca comida que tinha, e o sentimento de prazer que ainda não sabia que estava nascendo, e pegou a estrada.

Havia acabado de descobrir que um fato tão estranho lhe traria a felicidade. Iria enterrar a vida medíocre que sempre levava e viver do crime. Roubou pensões, velhinhos, bares e motéis. Entregou-se aos devaneios da bandidagem. Como todos os amadores e iniciantes, deixou rastros. Numa noite qualquer, regada a cocaína, sua felicidade teve fim. Em Juarez, noroeste mexicano, dois policiais o encontraram.

De volta ao Texas, aguardou pelo julgamento em cela separada, tão só quanto havia sido por toda a vida. Não existia argumento para defesa e, portanto, nem esperança tinha o ex-operário. Havia se tornado um homem do mal. Seu lugar não eram as ruas, nem as fábricas, nem o ar puro dos dias ensolarados. Assim, um jovem juiz decretou-lhe o destino: noventa e nove anos na prisão de Folsom.

Taylor nunca se esquecerá do dia em que enviou ao inferno a maldita mulher com quem se casara. Para o resto da vida, lhe restavam a companhia do whisky e da cocaína que o destruíam e confortavam, pouco a pouco, nos seus dias escuros em Folsom Prison.

* Texto baseado na música Cocaine Blues, de Johnny Cash.